

Ano 71 - Púmero 169 - Junho de 2019

Cantinho da Poesia

Poticias da Per Pontes Duarte

Aoticias do Aluseu Histórico Lauro da Escóssia

Agente Cultural - Com Goretti Albes Colaboração de:

Geraldo Maía Wilson Bezerra Filemon Pimenta Benedito Vasconcelos Dix-sept Sobrinho Renato Borges

Concurso Literário Coleção X Mossoroense 70 anos: reta final - saiba como partici-

COLECÃO

1949

Dicas de leitura

de obras

publicadas pela

Coleção Mossoroense

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

CNPJ 70.302.583/0001-90

Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Terceiro andar - Centro - Mossoró / RN - Brasil CEP: 59600-065 Telefone: 84 98822 1721/ 84 98886 0520 / 3315 5177

https://colecaomossoroense.org.br e fvrcm@uol.com.br

Conta para depósito, transferência e/ou colaboração: Banco do Brasil - Agência 0036- 1 / Conta Corrente 153714-8.

Nome: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho

Cargo: Presidente

Nome: Wilson Bezerra de Moura

Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Elder Heronildes da Silva

Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Benedito Vasconcelos Mendes

Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Francisco Rubens Coelho de Figueiredo Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Geraldo Maia do Nascimento

Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Daniela Rosado do Amaral

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Marcos Antônio Filgueira

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Wagner Rosado da Escóssia

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Paulo de Medeiros Gastão (in memoriam)

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Filemon Rodrigues Pimenta

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Almir Nogueira da Costa

Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)





More Roletim Bibliográfico Expense.

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho Projeto Gráfico: Geraldo Maia do Nascimento Editoração, diagramação e revisão: Eriberto Monteiro Colaboradores: Asclépius Saraiva, Geraldo Maia do Nascimento, F U N D A Ç Ã O VINGT-UN ROSADO

Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Filemon Rodrigues Pimenta, Dix-sept Rosado Sobrinho, Benedito Vasconcelos Mendes, Elder Heronildes, Douglas Soares, Ceição Maciel, Yáscara Samara, Marcos Oliveira, Goretti Alves, Wanderlea Lima, Wilson Bezerra de Moura, Benedito Vasconcelos, Lucas Rafael Monteiro, Ricardo Alfredo e Renato Borges.

Roticias da Biblioteca Municipal Rey Pontes Duarte



A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte apresentou, neste mês de junho, seu núcleo de atendimento e de evento.

O acervo infantil continuou sendo bastante visitado, principalmente pelo enorme empenho da equipe pedagógica em atender a todos que ali visitaram.

A diretora da biblioteca, Maria das Graças Henrique, informa que continua com o projeto de interação com os visitantes e/ou usuários do espaço da biblioteca. Trata-se da "Direção Participativa". No projeto, os visi-

tantes/usuários da biblioteca opinam e participam, avaliando sobre segurança, atendimento, acervos, equipamentos, horários e dando sugestões para melhorias desta instituição cultural. Para participar, retire o seu formulário na recepção da biblioteca, participe e deposite numa pequena urna. Sua opinião será analisada para futura aplicabilidade.

A estatística do mês de junho, apresentou os seguintes números, conforme suas respectivas ações e distribuídas conforme a tabela abaixo:

- Capacitação de supervisores, endemias Secretaria Municipal de Saúde 29 participantes;
- Reunião Secretaria Municipal de Educação 25 participantes;
- Capacitação Criança Feliz, Desenvolvimento Social 20 participantes;
- Capacitação Criança Feliz, Desenvolvimento Social e SETAS Natal 20 participantes
- Capacitação Secretaria Municipal de Saúde 32 participantes;
- Reunião do Sindicado do Servidores Municipais de Mossoró (SINDSERPUM) 45 participantes;
- Registro escolar da Secretaria Municipal de Educação 53 Participantes;
- Visita dos alunos da Casa do Menor Trabalhador 20 participantes;
- Visita dos alunos da Escola 12 de outubro da cidade de Rodolfo Fernandes 17 alunos;
- Reunião Secretaria Municipal de Educação 38 participantes;
- Reunião Secretaria Desenvolvimento Social 48 participantes;
- Secção de elogios da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais (ACJUS) 120 participantes;

Setores	Número de Usuário de cada setor
Recepção (visitante em geral)	392
Acervo geral	41
Acervo de Referência	00
Hemeroteca	20
Coleção Mossoroense (acervo da biblioteca municipal)/Coleção RN	30
Coleção Mossoroense (acervo da Fundação Vingt-un Rosado)	25
Acervo infantil	256
Estudo Coletivo	00
Empréstimo	59
Devolução	76
Carteira de Usuário	06
Auditório América Fernandes Rosado	467
Salão Marieta Lima – Eventos	120
Estudo individual	00

O horário normal de funcionamento da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte é de segunda à sexta, das 8h às 18h ao público em geral.

Já para o acesso à Fundação Vingt-un Rosado e acervo da Coleção Mossoroense, localizados no terceiro andar da biblioteca, o horário de visitas neste setor é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h30.

Funciona também em horários extraordinários para eventos agendados. Para agendar sua visita ou para eventos, entrar em contatos pelos números: (84) 3315-5177 / 3315 5178 ou 3315 5179 e falar com Júlia Azevedo ou ainda pelo endereço virtual https://www.facebook.com/bibliotecaneypontesduarte.

Potícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

Nesse mês de Junho/2019 o Museu Histórico Lauro da Escóssia recebeu 1.546 visitantes de mais de 300 cidades de todo Brasil e visitantes da cidade de Santiago do Chile / Peru (19 agendamentos).

A faixa etária correspondeu 45,2% de 0 a 14 - 35,18% 15 a 29 e a partir de 30 19,62%, conforme a tabela abaixo:

F	De 0 a 14 anos	42,2%
	De 15 a 30 anos	35,18%
	Acima de 30 anos	19,62%









O museu celebrou, de 14 a 18/06/2019 os 92 da Resistência de Mossoró ao bando de Lampião, onde foi elaborado material na TV Cabo Mossoró (TCM), SUPER TV e INTER TV, além da 95 FM e Rádio Rural.

A equipe do museu teve a satisfação de receber a visita dos historiadores Geraldo Maia e Kydelmir Dantas, prestigiando o Mossoró Cidade Junina (MCJ)/2019 e a festa da resistência de Mossoró.

O Museu, também celebrou a aniversário da Maçonaria 24 de junho. Segundo do diretor Geral do Museu, Asclépius Saraiva, "parabenizamos essa instituição que possuí

relevantes serviços prestados a nossa Mossoró, principalmente na abolição do escravos de 30/09/1883".

A Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP) manteve, conjuntamente com o Museu, atividades de elaboração de eventos para os meses seguintes. Para Asclépius, "quero agradecer a presidente da AMARP, Franci Dantas e todos os seus acadêmicos pelo apoio e ressaltar a importância desta parceria.

O diretor reforma o convite para a visita ao museu: "visitem o Museu de sua Cidade. Nós que fazemos o Museu Histórico Lauro da Escóssia estamos de portas abertas, buscando atender as diretrizes do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) para 2019, onde os museus, sendo NÚCLEO CULTURA - O FUTURO DAS TRADICÕES.

No Museu Histórico Lauro da Escóssia você conhece sua história, sua cultura e ainda aprende sobre ela. Agende sua visita, através dos contatos: (84) 3315-

4778/4776 ou ainda (84) 9-8103- 3810, número cedido gentilmente pelo diretor-geral desta instituição cultural, Asclépius Saraiva, "o contato poderá ser por meio de voz via telefone ou mensagens via WhatsApp". Ele, ainda acrescenta que "Será um prazer atendê-los".

O horário de funcionamento é de terça à sexta, das 7h30 às 13h e aos sábados, das 7h às 11h. Funciona também em horários extraordinários, desde que seja devidamente agendada a visita.



Eriberto Monteiro

eribertomonteiro@hotmail.com





Batendo à porta do Céu - A chegada de Belchior ao paraíso

Autor: Caio César Muniz - Volume: 58 - Ano: 2019 - Série D - 24 páginas - Formato: 20 x 20

Um cordel especial que, além de homenagear o cantor e compositor Belchior, é todo ilustrado, colorido, em papel especial, tamanho diferenciado e as ilustrações do artista Carlos Alberto Oliveira sob a coordenação editorial do mossoroense Marcos Garcia.



Ozelita Cascudo Rodrigues no Memorial dos Mossoroenses

Autor: Fundação Vingt-un Rosado - Volume: 23 - Ano: 2019 - Série F - 6 páginas - Formato: 15,1 x 20,7

Obra seriada F que apresenta inúmeras personalidades importantes. Neste número, Ozelita Cascudo é apresentada como uma trabalhadora infatigável, na cultura e nas artes.



Cangaço e Coiteiros

Autor: Oswaldo Lamartine - Volume: 2290 - Ano: 2019 - Série B - 7 páginas - Formato: 14,4 x 20,5

Obra de Oswaldo Lamartine que conta um pouco do que foi o cangaço no Nordeste Brasileiro através de uma visão histórica e poética.



Ruas, Caminhos da Saudade

Autor: Raimundo Nonato - Volume: 23 - Ano: 1973 - Série C - 151 páginas - Formato: 14,6 x 22,2

Clássico da historiografia mossoroense, esta obra de Raimundo Nonato é uma verdadeira viagem no tempo pelas ruas de Mossoró.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.

Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.



Geraldo Maia do Nascimento gemaia 1@gmail.com

13 de junho de 1927 - O dia em que Lampião atacou Mossoró



Em 1927 a cidade de Mossoró vivia um período de expansionismo comercial e industrial. Possuía o maior parque salineiro do país, três firmas comprando, descaroçando e prensando algodão, casas compradoras de peles e cera de carnaúba, contando com um porto por onde exportava seus produtos e sendo, por assim dizer, um verdadeiro empório comercial, que atendia não só a região oeste do Estado, como também algumas cidades da Paraíba e até mesmo do Ceará.

A população da cidade andava na casa dos 20.000 habitantes, era ligada ao litoral por estrada de ferro que se estendia ao povoado de São Sebastião, atual Dix-sept Rosado, na direção oeste, seguindo por quarenta e dois quilômetros. Contava ainda com estradas de rodagem, energia elétrica alimentando várias indústrias, dois colégios religiosos, agências bancárias e repartições públicas. Era essa a Mossoró da época. A riqueza que circulava na cidade despertou a cobiça do mais famoso cangaceiro da época, que era Virgulino Ferreira, o Lampião.

Para concretizar o audacioso plano de atacar uma cidade do nível de Mossoró, Lampião contava em seu bando com a ajuda de alguns bandidos que conheciam muito bem a região oeste do Estado, como era o caso de Cecílio Batista, mais conhecido como "Trovão", que havia morado em Assu onde já havia sido preso por malandragem e desordem e de José Cesário, o "Coqueiro", que havia trabalhado em Mossoró. Contava ainda com Júlio Porto, que havia trabalhado em Mossoró como motorista de Alfredo Fernandes, conhecido no bando pela alcunha de "Zé Pretinho" e de Massilon que era tropeiro e conhecedor de todos os caminhos que levavam a Mossoró.

No dia 2 de maio de 1927 Lampião e seu bando partiram de Pernambuco, em direção ao Rio Grande do Norte. Atravessaram a Paraíba próximo à fronteira com o Ceará, com destino a cidade potiguar de Luiz Gomes. Antes, porém, atacaram a cidade paraibana de Belém do Rio do Peixe.

Lampião não estava com o bando completo. O cangaceiro Massilon, que se juntaria com sua gente ao seu ele, estava com uma parte dos bandidos no Ceará e pretendia atacar a cidade de Apodi, já no Rio Grande do Norte, no dia 10 de maio daquele ano. Depois do assalto, deveria se juntar a Lampião em lugar predeterminado, onde deveriam terminar os preparativos para o grande assalto. Essa reunião se deu na fazenda Ipueira, na cidade de Aurora, no Ceará, de onde partiram com destino a Mossoró. E ai começou a devastação por onde o bando passava. Assaltaram sítios, fazenda, lugarejos e cidades, roubando tudo o que encontravam, inclusive joias e animais, queimando o que encontravam pela frente e fazendo refém de todos os que podiam pagar um resgate. Entre os sequestrados estavam o coronel Antônio Gurgel, ex-Prefeito de Natal, Joaquim Moreira, proprietário da Fazenda "Nova", no sopé da serra de Luís Gomes, dona Maria José, proprietária da Fazenda "Arueira" e outros.



Coube ao Coronel Antônio Gurgel, um dos sequestrados, escrever uma carta ao prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, fazendo algumas exigências para que a cidade não fosse invadida. Era a técnica usada pelos cangaceiros ao atacar qualquer cidade. Antes, porém, cortavam os serviços telegráficos da cidade, para evitar qualquer tipo de comunicação. Quando a cidade atendia o pedido, exigiam além de dinheiro e joias, boa estadia durante o tempo que quisessem, incluindo músicos para as festas e bebidas para as farras. Quando o pedido não era aceito, a cidade era impiedosamente invadida.

De Mossoró pretendiam cobrar 500 contos de réis para poupar a cidade, mas sendo advertido que se tratava de quantia muito alta, resolveu reduzir o pedido para 400 contos de réis. A carta do coronel Gurgel dizia:

"Meu caro Rodolfo Fernandes. Desde ontem estou aprisionado do grupo de Lampião, o qual está aquartelado aqui bem perto da cidade. Manda, porém, um acordo para não atacar mediante a soma de 400 contos de réis. Penso que para evitar o pânico, o sacrifício compensa,

tanto que ele promete não voltar mais a Mossoró..."

Ao receber a carta, o Cel. Rodolfo Fernandes convoca uma reunião para a qual convida todas as pessoas de destaque da cidade, onde informa o conteúdo da mesma e alerta para a necessidade de preparação da defesa contra um possível ataque dos cangaceiros. Os convidados, no entanto, acham inviável que possa acontecer um ataque de cangaceiros a uma cidade do porte de Mossoró. E de nada adiantaram os argumentos do prefeito.

Mesmo decepcionado com a atitude dos cidadãos da cidade, o prefeito responde a carta nos seguintes termos:

"Mossoró, 13 de junho de 1927. -Antônio Gurgel. Não é possível satisfazer-lhe a remessa dos 400.000 contos, pois não tenho, e mesmo no comércio é impossível encontrar tal quantia. Ignora-se onde está refugiado o gerente do Banco, Sr. Jaime Guedes. Estamos dispostos a recebê-los na altura em que eles desejarem. Nossa situação oferece absoluta confiança e inteira segurança. Rodolfo Fernandes".

Quando o portador chega a casa do prefeito para pegar a resposta, esse, de modo cortês, diz que a proposta do bandido é inaceitável e se diz disposto a enfrenta-lo. Levou o portador ao aposento onde havia

vários caixões com latas de querosene e gasolina. Junto a esses caixões, existia um aberto e cheio de balas. O prefeito na tentativa de impressioná-lo, diz que todos aqueles caixões estão cheios de munição e que já existe um grande

número de homens armados na cidade, aguardando a entrada dos cangaceiros.

Lampião não esperava tal resposta e ao tomar conhecimento que a cidade está pronta para brigar, resolve mandar um bilhete escrito de próprio punho, numa péssima caligrafia, julgando que assim conseguiria o intento esta emportança su contrada ahi parem mão vinto esta emportança su contrada a c

"Cel Rodolfo

-Estando Eu até aqui pretendo dr^o. Já foi um aviso, ahi p^o o Sinhoris, si por acauso rezolver, mi, a mandar será a importança que aqui nos pede, Eu envito di Entrada ahi porem não vindo essa importança eu entrarei, ate ahi penco que adeus guerer, eu entro; e vai aver muito estrago por isto si vir o dr^o. Eu não entro, ahi mas nos resposte logo.

Capitão Virsolino-Termira (Lampião) Gel GodopRo. entrarii, ote shi punco qui adeus quere. su entro i rai aver muito estrago, por isto si vin adre su mão entro, ahi mas adre su mão entro, ahi mas nos resposte logo. Copie Lompião

Carta de Lampião ao prefeito Rodolfo Fernandes

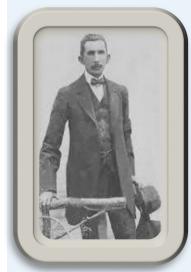
Capm Lampião."

Mais uma vez, o prefeito responde com negativa. Diz em sua resposta para Lampião:

-"Virgulino, Lampião. Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pede e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo o que o Sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.

Rodolfo Fernandes, Prefeito, 13.06.1927\".

(Continuação)



Nessa altura dos acontecimentos, os mossoroenses já convencidos do intento dos cangaceiros, tratavam de preparar a defesa da cidade. O tenente Laurentino era o encarregado dos preparativos. E como tal, distribuía os voluntários pelos pontos estratégicos da cidade. Haviam homens instalados nas torres das igrejas matriz, Coração de Jesus e São Vicente, no mercado, nos correios e telégrafos, companhia de luz, Grande Hotel, estação ferroviária, ginásio Diocesano, na casa do prefeito e demais pontos.

O plano de lampião era chegar a uma localidade conhecida como Saco, que ficava a uma distância de dois quilômetros de Mossoró, onde abandonariam as montarias e prosseguiriam a pé



até a cidade. O cangaceiro Sabino comandava duas colunas de vanguarda. Uma das colunas era chefiada por Jararaca e outra por Massilon. Lampião ia no comando da coluna da retaguarda.

Enquanto cangaceiros e voluntários se preparam para o combate, o restante da população, que não participariam do mesmo, tentava deixar a cidade. Eram velhos, mulheres e crianças, pessoas doentes, que não tinham nenhuma condição de enfrentar, de armas em punho, a ira dos Cangaceiros.

A cena era dantesca desde o dia 12 de junho. Nas ruas, o povo tentava deixar a cidade de qualquer maneira. Mulheres chorando, carregando crianças de colo ou puxadas pelos braços, levando trouxas de roupas, comida e água para a viagem, vagando na multidão sem rumo. Era uma massa humana surpreendente que se deslocava pelas ruas da cidade na busca de transporte, qualquer que fosse o meio, para fugir antes da investida dos Cangaceiros. Famílias inteiras reunidas, em desespero, lotavam os raros caminhões ou automóveis que saíam disparados a caminho do litoral. Muitos, sem condição de transporte, tratavam de conseguir esconderijo dentro ou fora da cidade. A ordem dada pelo prefeito era que quem estivesse desarmado saísse da cidade.

O desespero aumentava mais a medida que o dia avançava. Às onze horas da noite, os sinos das igrejas de Santa Luzia, são Vicente e do Coração de Jesus começaram a martelar tetricamente, o que só servia para aumentar a correria. As sirenes das fábricas apitavam repetidamente a cada instante. Muita gente que não acreditava na vinda de Lampião, só ai passou a tomar providências para a partida.

Na praça da estação da estrada de ferro, era grande a concentração de gente na busca de lugar para viajar nos trens que partiam de Mossoró. Até os carros de cargas foram atrelados a composição para que a multidão pudesse partir. Mesmo assim não dava vencimento, e os retardatários, em lágrimas, imploravam um lugar para viajar.

O Prefeito, o Cel. Rodolfo Fernandes de Oliveira, se desdobrava na organização da defesa, ao mesmo tempo que ordenava a evacuação da cidade, medida essa que poderia salvar muitas vidas. Enquanto isso, a locomotiva a vapor, quase milagrosamente partia, resfolegando com o peso adicional, parecendo que ia explodir, tamanho o esforço feito pela máquina que emitia fortes rangidos e deixava um rastro de fumaça negra no horizonte. Era uma viagem relativamente curta, entre Mossoró e Porto Franco, nas proximidades da praia de Areia Branca.

Na cidade, o badalar dos sinos continuava e o desespero também, pois apesar da pequena distância que o trem deveria percorrer, a locomotiva demorava mais do que o normal para chegar, com o maquinista parando com frequência para se abastecer de água e lenha pelo caminho. Saía de Mossoró com todos os carros lotados e voltava vazio. Era um verdadeiro êxodo.

Na noite do dia 12 de junho, não houve descanso para ninguém em Mossoró. Os encarregados pela defesa da cidade se revezavam na vigília, enquanto o restante da população esperava a vez de partir. E o movimento na estação ferroviária não parava. O embarque de pessoal virou toda a noite e só terminou na tarde do dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, quando foram ouvidos os primeiros tiros, dando início ao terrível combate. Mas a meta havia sido alcançada; a cidade estava deserta, exceto pelos defensores que das trincheiras aguardavam o ataque.

(Continuação)

Ao entrarem na cidade, o bando sente medo, devido ao abandono do local. Sabino encaminha-se com suas colunas para a casa do prefeito. Não perdoa o atrevimento daquele homem que resolveu enfrentar o



bando de cangaceiro mais temido do nordeste brasileiro. Sabino posiciona-se sozinho em frente a casa de Rodolfo Fernandes. Os defensores da cidade ficam indecisos, sem saber se ele é um soldado ou um cangaceiro, já que não havia muito diferença entre a maneira de se vestir de um e de outro. Foi preciso a ordem do prefeito para que começassem a atirar.

Nesse momento o tempo fechou. Uma forte chuva começou a cair, comprometendo o desempenho dos cangaceiros e tornando mais tétrico o

ambiente. Lampião segue em direção ao cemitério da cidade enquanto que Massilon procura os fundos da casa do prefeito.

O cangaceiro "Colchete" tenta revidar os tiros lançando uma garrafa com gasolina contra os fardos de algodão que serviam de trincheiras para os defensores, na tentativa de incendiá-los. Nesse momento é atingido por um tiro, caindo morto. Jararaca se aproxima do corpo, com o intuito de dar prosseguimento ao plano do comparsa morto e é também atingido nas costas, tendo os pulmões perfurados.

No mesmo instante, os soldados entrincheirados na boca do esgoto começam a atirar, encurralando os cangaceiros. Os defensores dominam a situação e não resta outra solução aos facínoras se não abandonar a cidade. A ordem de retirada é dada por Sabino que puxando da pistola dá quatro tiros para o alto. É o fim do ataque.

Não foi um combate longo; iniciou-se as quatro horas da tarde, aproximadamente, sendo os últimos disparos dados por volta das cinco e meia da mesma tarde. Lampião havia fugido, deixando estirado no



chão o Cangaceiro Colchete e dando por desaparecido o Jararaca, que depois seria preso e \\\"justiçado\\\\" em Mossoró. Mas com medo da revanche dos bandidos, os defensores permaneceram de plantão toda a noite, só descansando no outro dia, quando tiveram certeza que já não havia mais perigo.

Quando lembramos esses fatos, ficamos pensando que tragédia poderia ter acontecido se a cidade não houvesse sido esvaziada a tempo. Quantas mortes poderiam ter havido se a população tivesse permanecido na mesma. Só Deus pode saber.

Depois do acontecido, a população começou a voltar para casa. Foi outra batalha para se conseguir transporte, juntar os parentes, desentocar os objetos de valores que tinham ficado escondidos e tantas providências mais, que só quem viveu o drama poderia contar.

13 de junho, dia de Santo Antônio. Um dia que ficou marcado para sempre na história de Mosso-ró.





<u>A casa velha</u>

Elder Heronildes

A velha casa sempre Na lembrança, no peito, Perdida no coração, Gemendo sem saber por quê Fazendo das paredes as Recordações alegres Nas sombras da existência. É velha, mas inspira amor Paredes antigas que choram de dor De amor e de ternuras, velhas Como as lembranças passadas, Que foram e que ficam De hoje e de sempre, inacabadas. São vidas e são amor Batem forte e Refazendo o amor, que existiu Como o vento que cantava sempre De perto e de longe, Indormido, olhando estrelas; Ela vive em mim E eu nela, choro. A vida que tive Sonolenta e mansa. É um sonho inacabado, Que se completa com a vida Em si mesmo, nela e por ela, Fazendo o sentido da existência. É velha, mas alimenta o que foi, o que é, A vida flui por suas antigas paredes, Sempre. Sendo tudo, porque foi sempre.

Era a casa velha, que era tudo,

Não deixará nunca de ser nova,

E que não morre jamais.

Sendo velha, sendo casa, Dentro de nós, eternizada.

<u>Ainda lembro de você</u>

Douglas Soares

E chega a noite espero amanhecer Batendo a brisa ainda sinto seu calor Eu lembro do seu beijo, eu vou enlouquecer Amanheceu o dia o sol já não raiou

Ainda sinto seu cheiro na fonte Você não tem noção como "cê" me faz falta Perdão, não posso te levar pra longe Só agora lembrei que o dólar tá em alta

Amor, vejo você por perto Vendo você no clima é algo surreal Me sinto no deserto Jogo o verde pra cima, aurora boreal

Nos imagina na beira do mar Água de coco e em frente ao calor Eu "tô" perdido nas suas curvas, linda Eu "tô" perdido mas sei pra onde vou

Amo seu jeito menina mulher, é Faz tanto tempo que não posso tê-la Minha proposta ainda está de pé Que é... casa no campo em frente as estrelas

E a cada passo eu traço a meta de reconquistar Hoje me encontro nesse quarto em meio a solidão Eu só queria te abraçar e ver como "cê" tá É que a saudade tá batendo mais que o coração

E hoje eu olho pra cima e não enxergo o céu Eu só queria seguir em frente com você do lado Meu sentimento já não cabe mais nesse papel Por isso escrevo essa canção pra te deixar o recado

Me pego trancado em casa nesse clima frio Sem ninguém por perto pra desabafar Realidade quando acordo é que você sumiu Eu vou ter que me conformar que "cê" não vai voltar.



MOSSORÓ - MINHA TERRA ADORÁVEL

Ceição Maciel

Com orgulho vou falar da minha terra, a história. Cantar em verso e em prosa toda sua trajetória Marcada por batalhas, conquistas e pioneirismo Mossoró registra fatos de grandeza e heroísmo

Na verdade, eu quero é da minha cidade destacar O surgimento, a evolução, tentando nada escapar A começar pelo nome, derivado dos Índios Monxorós Que quer dizer, abertura das terras pelo rio Mossoró.

Chão miscigenado de aborígenes, nativos e adotivos Abraça fraternalmente, quem lhe busca com motivos. Embora de terra quente, tem boa gente, hospitaleira Por isso o mundo todo, aplaude esta cidade altaneira

Na Ribeira de Mossoró, o povo mossoroense surgiu Foi arraial, vila, 15 de março de 1852, se emancipou E o fazendeiro português, Antônio de Souza Machado, Construiu a Igreja de Santa Luzia e marcou o povoado.

Mossoró de Assu – antes Princesa - foi desmembrado Seria o mais novo município do Rio Grande do Norte, Que seria cidade em 9 de novembro de 1870, por sorte Logo batizado "País de Mossoró", por Vingt-un Rosado

Tornou-se uma capital, o Coração do Oeste Potiguar, Privilegiada pela localização, entre o sertão e o mar. Com a vantagem de ficar situada entre duas capitais Natal e Fortaleza, daí se desenvolver cada vez, mais.

Do Nordeste, é uma das principais cidades do interior Em extensão territorial, da capital, Natal é bem superior Do Rio Grande do Norte, é a segunda mais populosa Do Polo Costa Branca é a principal, fico orgulhosa!

Localizada na cabeça do elefante, limita-se ao norte, por Tibau e Grossos; ao Sul, com Upanema e Governador Dix-sept Rosado; à Leste, Areia Branca, Assu Serra do Mel; A Oeste, Baraúna. És privilegiada, como um pedaço do céu!

As atividades culturais da cidade são a grande atração Mossoró Cidade Junina, revoluciona só pela animação O Auto da Liberdade, em quatro atos é o teatro maior Todos em palco livre do País, produzidos em Mossoró

Os fatos históricos importantes: o Motim das Mulheres, O primeiro voto feminino do Brasil e da América Latina. A libertação dos escravos cinco anos antes da Lei Áurea, A Histórica Resistência ao Bando de Lampião, destacada

Terra bendita, do sal, petróleo e da irrigada fruticultura Do pioneirismo, da resistência, da liberdade, da cultura De poetas, repentistas, escritores e artistas consagrados Cordelistas, artesãos, cantores e mulheres encantadoras

Quadrilha Yáscara Samara

Quando a saudade bate no peito Ela vem é não se acaba Saudade daquela menina Que sonhava de madrugada De ver uma quadrilha junina Feita por ela e adaptada Quadrilha linda que ela sonhou Do fundo do coração Quadrilha está que está aqui Cheia de amor e emoção Quadrilha que vos apresento Inclusão com Paixão Que vem entrando toda contente Com o tema: Saudade quando bate No coração da gente...

(Continuação)

Minha terra, acima de tudo, é por Deus abençoada Ele sendo brasileiro, Mossoró não será desprezada Somos assim, conterrâneos, com muita fé e alegria Louvando Jesus, Maria e a padroeira Santa Luzia

Por tudo que a minha querida terra encerra Por tudo que ela propicia e o mundo aprecia Por tudo o que ela atrai e a todos descontrai Por Ela eu Oro pela sua paz, violência jamais!

Longe do meu torrão a saudade é de matar! Eu me sinto agoniada com vontade de voltar Mesmo nos bons passeios feitos no exterior Fico morrendo de frio, prefiro viver seu calor.



Benedito Vasconcelos Mendes benedito vasconcelos@gmail.com

Considerações sobre a alimentação dos Tapuias



Estima-se que a população indígena do Brasil, na época do descobrimento, era de mais de dois milhões de pessoas. Os índios que habitavam o sertão semiárido eram os tapuias, que formavam uma etnia de idioma próprio, considerada, pelos colonizadores portugueses, como de língua travada, inimiga dos tupis, que viviam no litoral úmido e que falavam a língua geral.

Os tapuias dividiam-se em quatro famílias linguísticas: Cariris, Tremembés, Jês e Tarairiús. Os índios das

tribos tarairiús, que eram os tapuias propriamente ditos, eram altos, fortes, de cabeça chata, corajosos, valentes, vingativos, canibais, nômades, místicos e amantes da guerra, da música, do canto e da dança. Viviam a percorrer, da foz à cabeceira, as margens dos rios intermitentes (rios Piranhas/Açu, Sabugi, Seridó, Acauã, Espinharas, Piancó, Rio dos Peixes, Apodi/Mossoró, Angicos, Umari, Jaguaribe, Salgado, e outros), praticando a caça, a pesca, a coleta de mel de abelha e de frutos silvestres. Quando da safra do caju, migravam para o litoral e, no período chuvoso, voltavam para o sertão, para plantar, nas manchas de solos arenosos, a mandioca, a macaxeira, jerimum e a batata-doce e, nos baixios aluviais, o milho, o feijão-domato, a pimenta-malagueta e outras culturas, como fumo e o algodão-mocó.

Os animais mais caçados por eles eram onça-parda, onça-pintada, anta, tatu-canastra, coati, macaco-capelão, macaco-prego, guariba-preto, guaxinim, gato maracajá-açu, gato maracajá-mirim, gato mourisco, queixada, caititu, veado-catingueiro, capivara, ema, cutia, paca, tatu-peba, tatu-verdadeiro, tatu-bola, mo-có, preá, tejo, tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, jabuti, cágado, jacaré, jiboia, avoante, rolinha, asa branca, juriti, marreca-viuvinha, marreca-verdadeira, nambu, perdiz, pato-verdadeiro, jacu, zabelê e muitos outros.

As principais espécies de peixes nativas, encontradas nas lagoas e poços dos rios intermitentes, eram beiru, curimatã-comum, piau-comum, sardinha, traíra, acará, cangati, muçum, pirambeba e piranha. A tanajura, os camarões e as tartarugas marinhas eram também consumidos pelos índios regionais. As abelhas nativas mais abundantes, que forneciam mel, eram jandaíra, moça-branca, jati, mandaçaia, abelha-limão, uruçu e abelha mosquito.

Os frutos silvestres nativos do semiárido mais apreciados eram caju, jenipapo, ananá, goiaba, maracujá e umbu. Os índios brasileiros não conheciam o boi, o porco, a cabra, o carneiro, o colhe o, a galinha, o capote, o peru,



nem os alimentos derivados do leite (coalhada, queijo, manteiga, nata, doce e bolo de leite), pois estes animais domésticos, bem como a utilização do leite, foram introduzidos no Brasil pelos colonizadores portugueses e pelos escravos africanos. O único animal doméstico oriundo da fauna brasileira, criado no sertão, é o pato-verdadeiro.

Os índios brasileiros já sabiam produzir o fogo pela fricção de dois pequenos pedações de madeira seca. Os portugueses introduziram a binga, que consiste de uma pequena pedra de sílex (fígado de galinha), que, recebendo o choque de um pedaço de aço ou ferro, produz faísca, que incendeia um chumaço de pluma de algodão, acondicionado dentro da ponta de chifre de boi, que mantém a chama por alguns instantes.

(Continuação)

Os principais alimentos indígenas foram a farinha e o beiju, feitos de mandioca, a macaxeira, a batata-doce, o jerimum, o milho, a castanha de caju, a fava, o palmito, o amendoim, o feijão-de-corda, as frutas tropicais nativas (pseudofruto do caju, umbu, cajá, ananá, jenipapo, maracujá, goiaba, trapiá, ingá, carnaúba, quixaba, uvaia, umari, ameixa silvestre, pitomba, mutamba, juá, mandacaru e quipá), produtos da caça e



da pesca, a pimenta-malagueta e

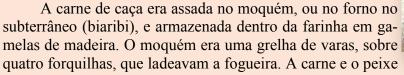
o mel de abelha.



A principal planta alimentícia, para os tapuias, foi a mandioca. Dela, fazia-se a farinha de guerra, também chamada carimã, puba ou farinha d'água. A farinha de raízes de mandioca era conhecida por farinha de guerra por servir de matalotagem nas guerras e em outros eventos, como viagens, pescarias, caçadas, e nas caminhadas à procura de mel e frutas silvestres. A farinha era um alimento de uso diário, tanto em seu estado puro, jogada em punhados à boca, como misturada com qualquer outro alimento, como carne, peixe, mel e frutas. A prática de atirar uma mancheia de farinha ou de

qualquer outro alimento à boca era tão grande que, praticamente, da farinha não caía um só caroço ao chão.

Para a preparação da farinha e do beiju, as raízes eram arrancadas no roçado e postas para pubar, dentro d'água. Depois, a massa amolecida era peneirada na urupema elevada ao fogo em recipiente de barro, com cerca de um metro de diâmetro, cujas bordas eram levantadas até a altura aproximada de 10 cm. O processo indígena de produção de farinha era diferente do que se usa atualmente, pois a farinha indígena não era da mandioca ralada nem prensada. Os índios não usavam o caititu (ralador) nem a prensa. Eles tinham o tipiti, em vez da prensa, para espremer a massa de mandioca.





moqueados podiam ser guardados por algum tempo mergulhados na farinha, sem se estragar, pois a desidratação e a defumação sofridas no moquém dificultavam o apodrecimento. A farinha também ajudava no processo de desidratação e, consequentemente, na preservação da carne moqueada. O peixe assado no moquém era consumido, ou pilado, para a produção de farinha de peixe, que podia ser armazenada por lon-



go período de tempo, sem se deteriorar. A farinha de peixe e a farinha de mandioca eram armazenadas em gamelas, em potes de barro ou em surrões de palha de carnaúba. O beiju de mandioca era guardado dentro da farinha. A farinha de guerra e o beiju podiam ser guardados por mais de um ano. O tipo de forno subterrâneo usado pelos índios era chamado de bia

ribi e consistia de um simples buraco no chão, revestido de folhas de plantas, no qual era colocada a peça de carne ou a batata-doce, também envolvidas por folhas e, depois, cobertas com terra. Sobre o forno fazia-se uma grande fogueira, que ficava acesa por muito tempo. A carne ficava muito sabo-

rosa, com um gosto especial, e a batata-doce adquiria um sabor delicioso.



lo da a

A sessão Agente Cultural apresenta uma das mais promissoras artistas locais: Maria Goretti Alves de Araújo, mais conhecida simplesmente como Goretti Alves. A homenageada, além de cantora, intérprete, atriz é membro de várias instituições culturais. Inclusive ela informa que iniciou sua vida cultural em artes cênicas quando participou do festival da composição promovido pela Radio Rural de Mossoró.

Durante sua vida de agente cultural, Goretti participou do coral da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), de movimentos Forró

Itinerante e do integrante do grupo Vinna.

Em 2013, gravou e lançou o CD Saberes de músicas de artistas locais, valorizando os artistas da terra, sendo os arranjos musicais do maestro Gideão Lima. O lançamento foi feito nos jardins da TV Cabo Mossoró (TCM) com

grande participação popular. Este momento cultural engrandeceu muito a musicalidade potiguar e mostrou a alta qualidade artística de Mossoró.

Goretti tem uma personagem infantil chamada palhaça Paçoca. Com esta personagem Goretti faz apresentação de brincadeiras cantadas com atuação nas escolas, hospitais, biblioteca municipal, fazendo a alegria de todos. Algumas vezes, estas apresentações é acompanhada por Eriberto Monteiro tocando violão. Num futuro próximo a Coleção Mossoroense poderá publicar a his-

tória da palhaça Paçoca em formato de revista com uma obra didática e interativa para a criançada. No futuro, Goretti Alves pretende lançar um CD infantil, resgatando cantigas de roda.

Alegria da criançada: a Palhaça Paçoca Ela é sócia amiga da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares (ALAMP), membro da Associação Coral Canto e Saúde do Hospital Regional Tarcísio



dos Escritores de Mossoró (ASCRIM), sendo Diretora de Eventos Culturais; da Academia Feminina de Letras e Artes de Mossoró (AFLAM), ocupante da cadeira 35 que homenageia a cantora Marinês. Ela é membro-fundadora do Coral Canto e Saúde do Hospital Regional Tarcísio Maia. Grupo que se apresenta para levar um pouco de alegria àqueles que estão debilitados do corpo e da mente.



Goretti Alves é muito conhecida pela sua belíssima voz, chegando a ser chamada pelo apelido de "O Uirapuru mossoroense", exatamente em comparativo ao pássaro Uirapuru que tem um belíssimo canto.

Goretti Alves, seu talento é reconhecido, por isso, a cultura agradece todo seu em-

penho e manter viva a arte musical de Mossoró.



Goretti Alves ao lado de Silva Neto, presidente da



A <u>Fundação Vingt-un Rosado</u> informa que a campanha "Mantenha a Coleção Mossoroense Viva" através de doações por meio do pagseguro continua. E reforça a campanha, aos amigos e admiradores da Coleção Mossoroense, que a Fundação Vingt-un Rosado está recebendo doações também através do Banco do Brasil.

Então, se você tem interesse em manter a Coleção Mossoroense viva, que os escritores sejam revelados e/ou valorizados, e ainda, que o sonho vingtaneano continue sempre presente, não deixe de doar.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.

Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Repetindo: Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Quer ver sua poesia/poema/artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico? Envie seu trabalho para os seguintes contatos: **(84) 98886 0520** (WhatsApp) ou pelo e-mail: **fvrcm@uol.com.br**



Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho dixsept@uol.com.br

Importante doação à Fundação Vingt-un Rosado

A Fundação Vingt-un Rosado foi prestigiada pela Câmara Municipal de Mossoró e recebeu 50 mil folhas de sulfites para realização dos seus trabalhos de apoio aos escritores e trabalhos outros.

Este benefício foi solicitado por mim, Dix-sept Rosado Sobrinho, para a demanda que a Coleção Mossoroense terá nos festejos dos seus 70 anos de existência e outros projetos futuros. O pedido foi prontamente atendido pela casa legislativa mossoroense, através da Fundação Aldenor Nogueira.

Na oportunidade, a Fundação Vingt-un Rosado presenteou todos os vereadores com a obra "Antônio Francisco: tradição e modernidade – uma poética da memória", de autoria da escritora Symara Tâmara, publicada com o selo da Cole-



A Fundação Aldenor Nogueira foi presenteado, através da sua diretora geral, Vera Cantídio, com obras publicadas com o selo da Coleção Mossoroense, maior movimento editorial do Brasil.

Durante o evento, foi anunciado a publicação de uma obra sobre a história da Câmara Municipal de Mossoró com o selo da Coleção Mossoroense.

Segundo o atual editor da Coleção Mossoroense, Eriberto Monteiro e com aval da presidência da Fundação Vingt-un Rosado, "As folhas recebidas serão utilizadas em apoio aos projetos de publicação através de concursos literários e de oficinas de literatura nas diversas escolas e comunidades mossoroenses".



Eu, como presidente da Fundação Vingt-un Rosado, acompanhei o trabalho de cobertura do site colecaomossoroense.org.br deste importante momento. Agradeço a todos os vereadores, em especial a presidente da Câmara Municipal de Mossoró, Izabel Montenegro e Vera Cantídio, diretora geral da Fundação Aldenor Nogueira. Cada folha, cada espaço do sulfite será minimamente utilizado em prol da população sedenta pela cultura, pela literatura.

Em discurso, transmitido pela TV Câmara local, humildemente agradeci todo apoio por parte do poder legislativo mossoroense. Assim me expressei. Acompanhe abaixo na íntegra:

"Bom dia a todos. Peço permissão a excelentíssima senhora presidente da Câmara de vereadores Izabel Montenegro para dirigir algumas palavras as todos. E No nome dela eu saúdo a todos os presentes, a todos os vereadores, a direção da Fundação Aldenor Nogueira, esta Fundação que tem um patrono uma figura das mais expressivas da nossa história, uma pessoa que eu cheguei a conhecer, um homem que militou no rádio, foi político, vereador, um pai de família muito importante na nossa cidade, que foi um exemplo recente daquela coragem, da bravura, do nosso homem, da nossa pessoa mossoroense, já que ele foi um representante muito ativo daqueles pracinhas que defenderam a democracia do mundo na Itália, na segunda guerra Mundial. Então, nós saímos recentemente das comemorações do Chuva de Balas em que o prefeito Rodolfo Fernandes é reverenciado muito justamente como um líder bravo de nossa gente. E Aldenor Nogueira foi também, de certa forma, uma história mais recente desse exemplo de bravura. Eu represento aqui a Fundação Vingt-un Rosado. O patrono militou no rádio, foi um baluarte indiscutível da cultura de Mossoró e do Rio Grande do Norte. Nesse ano nós comemoramos 70 anos da Coleção Mossoroense.

(Continuação)



Fizemos uma série de eventos para comemorar este 70 anos e com certeza este momento faz parte desta nossa comemoração. Nós lançamos um Concurso Literário em que o edital está disponível para quem quiser participar. Nós relembramos que a coleção Mossoroense apresenta o maior movimento editorial em títulos publicados no Brasil e, quiçá, no mundo. Isso só já seria um motivo de orgulho para nossa cidade, para nosso estado, para região Nordeste, para o Brasil inteiro. Nós fazemos um trabalho de reedição de obras importantes, como aquelas obras fundamentais para a história de Mossoró, mas nós temos atuação na área econômica, na questão do petróleo, na questão

do comércio, na história, no estudo de tudo isso e na própria sociologia, na história, na paleontologia, em vários ramos da cultura, nós temos obras publicadas e estamos chegando a 5 mil títulos publicados pela Coleção Mossoroense. Isso é um feito inusitado. É difícil você conseguir um feito deste em Nova York, em Tóquio, em Londres, em qualquer cidade, São Paulo, mas, Mossoró está conseguindo. É preciso que nós tenhamos esta visão de prestigiar, como a Câmara de Vereadores de Mossoró, na pessoa da presidente Izabel Montenegro, está tendo, e dos senhores vereadores.

Então, nós estamos aqui para agradecer e para colocar, à disposição de todos, o nosso acervo que se encontra hoje no terceiro andar da Biblioteca Pública Municipal Ney Pontes Duarte. Ele é visitado, ele é estudado por muitos pesquisadores, desde crianças escolares até doutores, pós-doutores das universidades, dos meios de cultura, de estudos, não só de Mossoró. Mossoró uma cidade como todos sabem, universitária, mas também de outras cidades, de outros estados e até de outros países.

Nós colocamos, à disposição de todos, o nosso acervo para consulta física e como também pela internet pelo www.colecaomossoroense.org.br e você pode então, podem acessar vários títulos que já estão digitalizados. Mas, a grande maioria destes títulos estão como obras físicas. Isso dá muito trabalho. De cuidar... E a gente tem o compromisso de estar reeditando as obras que estão esgotadas. São muito procuradas por estes estudiosos as obras que se referem, como pro exemplo, aos estudos sociológicos, antropológicos, do cangaço, da história de Mossoró, da abolição, do voto feminino, da história rica que Mossoró tem, mas também naqueles outros aspectos que a gente falou. Então, temos uma grande biblioteca com cerca de 150 mil exemplares. Para a gente ter uma ideia, é quase o dobro do acervo da maior biblioteca que nós temos, a Câmara Cascudo, em Natal e, para cuidar de um acervo desse é muito trabalhoso, é muito custoso.

Nós temos contado com o esforço, a abnegação de gente como Ranieli, como Eriberto Monteiro, como Maurílio, como o pessoal todo da biblioteca pública municipal a quem nós fazemos um pleito de gratidão neste momento no nome da sua diretora, Graça Henrique.

Uma parte deste acervo encontra-se no primeiro andar do museu municipal, no Museu Histórico Lauro da Escóssia. Está lá a biblioteca particular de Vingt-un Rosado, catalogado, organizado, a disposição dos estudiosos. E eu aproveito para pedir a ajuda aqui de todos, não só para a Fundação Vingt-un Rosado que mantem todo este movimento do qual eu sou o presidente com muito orgulho desde sua fundação a mais de 20 anos...

Você pode ajudar. Nós temos os meios de ajuda. Podem ser feitos lá no site que eu citei. É uma entidade utilidade pública e nós queremos aproveitar para que a gente tenha esta solicitação de ajuda. Uma dificuldade que nós temos atualmente, eu quero colocar aqui para vocês: é a questão da acessibilidade. Nós estamos no primeiro andar do Museu Histórico Lauro da Escóssia. O elevador não existe. Nós estamos no terceiro da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte. O elevador está quebrado faz anos. E nós temos contato com a prefeitura, nós temos boa vontade, nós temos sentido boa vontade na resolução deste problema. Mas, imagine uma escolar, uma criança que vai precisar fazer um trabalho lá no terceiro andar. Sobe não sei quantos lances de escada. Ou então uma figura respeitada como é, por exemplo, padre Sátiro Cavalcanti Dantas, que está com a saúde debilitada. A inteligência, graças a Deus, perfeita, espetacular. Muita vontade de ir lá., mas, fisicamente é impossível, é quase impossível. Então eu aproveito este momento para que a gente bata forte nesta resolução dessas coisas.

(Continuação)



Todo mundo concorda: cultura, educação é muito importante, mas a gente precisa também resolver a parte prática da acessibilidade. Então, eu queria, terminando as minhas palavras, declarar que estamos muito satisfeito, muitos felizes com esta iniciativa da Câmara de Vereadores de Mossoró e eu lembro, peço que a câmara se irmane a nós, as entidades culturais de Mossoró.

Próximo ano, 2020, em abril, Raimundo Soares de Brito faria 100 anos e em setembro, Vingt-un Rosado também faria 100 anos. Então, é um ano emblemático. É o centenário de, pelo menos, duas figuras monumentais da nossa cultura. Eu, eu diria, como Helen Keller, posso ser

apenas uma pessoa, mas ainda sou alguém. Não sou capaz de fazer tudo, mas, mesmo assim sou capaz de fazer algo. E eu não renunciarei a fazer o pouco que eu puder por este movimento.

Eu li no jornal de hoje um movimento nacional em defesa do autismo. E nós temos, só para lembrar, nós editamos um livro agora, no ano passado, "Diário de um pré-adolescente autista". Eu acho que este livro ou esta experiência do autor pode ensinar a mim que tenho mais de 40 anos como médico. Pode ensinar muito mais a mim do que um doutor-cientista de Michigan, de Havard, de, num sabe, porque, ele é autista e teve a percepção, ele teve a grandeza de dividir com os outros o seu sofrimento, seu problema, a forma de como você deve se dirigir a um autista, de como você deve conversar. Um livro simples, mas que tem um valor fenomenal. Nós devemos usar. Eu sou professor no curso de medicina e a gente deve usar, no curso de medicina, este livro também como um exemplo para os estudantes de medicina, de graduação, puderem saber como se faz, como se trata, como se dirige a um autista. Um outro livro que eu chamo atenção, e são tantos como eu já falei, né ? É um acervo espetacular. É aquele projeto da professora Josselene Marques que fez um livro impossível de ser feito. Um livro que foi escrito, que foi concebido por uma deficiente visual. Quer dizer, ela mesma, Glória, Glória Maria de Melo, ela disse que através de um designer gráfico, não sei se o nome é este, mas, uma pessoa, um técnico bem habilitado nestas questões. Ela botou tudo que tinha na cabeça dela e o designer transformou as ideias dela neste livro que vem acompanhado de um CD. Também é um exemplo extraordinário de grandeza de uma pessoa que tem vontade de publicar. Não tinha os recursos. Nos procurou e a gente acampou esta ideia. É, então eu quero aplaudir Glória, eu quero aplaudir Guilherme, quero aplaudir a professora Josselene, quero aplaudir a todos os autores da nossa terra que um dia foram, que procuraram as nossas portas ou que publicaram por outras editoras.

Eu termino aqui, sobretudo agradecendo este momento de muita alegria pra gente. Nós podemos, queremos pedir permissão a senhora presidente para doar livros a Fundação Aldenor Nogueira e outros livros que a gente possa, possa doar a Câmara de Vereadores.

Eu terminaria minhas palavras agradecendo efusivamente este momento porque, nada mais triste do que as vezes, como muitas vezes, eu estou vendo aqui Maurílio, Eriberto, Caio César, Ranieli Alves, muitas pessoas que fizeram e que fazem a Coleção Mossoroense e, sobretudo exaltar a pessoa de Vingt-un Rosado. Um idealista muito gran-

PAL DE MOST

de que pode, que é a alma, é o dínamo, é a grande razão deste movimento editorial ainda existir.

Eu queria dizer que, muitas vezes, nós sentimos muito tristes, muito sós e vários momentos destes 70 anos de história, mas, nada melhor do que um momento como este, um momento solidário, um momento de chegar junto, de solidariedade, de esperança. Então eu termino aqui minhas palavras, repetindo aquelas frases ditas por Joan Walsh Anglund até na perspectiva de colaboração e de apoio futuro: 'Eu não possuo a beleza da perfeição, a força da sabedoria, o olhar amplo do conhecimento. Só possuo o suave sussurro da esperança'. Muito obrigado a todos".

Fotos: Edilberto Barros



Wilson Bezerra de Moura wilsondefatima@hotmail.com

Vingt-un Rosado no país de Mossoró

Tudo começou quando o ideal prevaleceu sobre toda e qualquer dificuldade. Porque sempre em se tratando de esforço intelectual, artístico e cultural, desmereceu continuamente a atenção de todos, inclusive do poder público. Fazer cultura era como atirar pedra na lua, coisa de louco, e nesse prisma, o mestre Vingt-un enfrentou a indiferença de todos. Renunciou a qualquer atividade que lhe viesse trazer melhores condições de vida, para enfrentar o pede, pede aos poderes constituídos para apoiar sua pretensão e foi em frente no ideal, ver criada biblioteca, museus, instituições culturais e científicas com o fim de propiciar o conhecimento a todos.

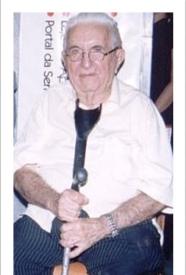


Portanto, sob os auspícios de sua vontade, fundou o País de Mossoró, que viria se institucionalizar num referencial cultural até os dias de hoje.

O lance mais perfeito que a natureza construiu foi a inteligência do homem, como sempre esta remove montanhas e transforma no que puder o destino dos fatos que ela mesma construiu.

É impossível falar de certos e determinados passados sem antes invocar o pensamento dos velhos antigos. Edson Queiroz, além de empresário bem sucedido, foi uma inteligência firme na conceituação dos acontecimentos. Foi sucinto ao dizer: "Se um dia for surpreendido pela injustiça ou pela ingratidão, não

deixe de crer na vida. De engrandecê-la pela decência, de contribuir pelo trabalho."



Coube ao mestre Vingt-un Rosado essa missão de herdar esse sentimento, pois ele deu prova inconteste na preservação dos princípios artísticos e culturais de sua terra, enfrentando todos os obstáculos. Dos vinte e um filhos da renomada figura do farmacêutico Jerônimo Rosado, desviou-se das muitas profissões seguidas por seus irmãos para enveredar pelo ramo cultural, às vezes contrariando até o propósito de seus familiares, abraçou uma causa de luta em defesa do engrandecimento artístico, literário e cultural de sua terra, embora esta tenha, em dados momentos, lhe coberto de constrangimentos.

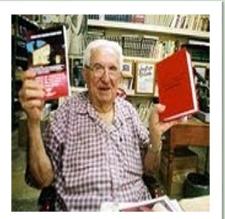
Mas o mestre Vingt-un tinha um ideal invencível em sua vida, como bem se define o que engrandece o homem nada mais é do que a imaginação, e esta se constitui através de uma educação capaz de transformar as ações. Esperou que o irmão Jerônimo Dix-sept Rosado Maia assumisse a prefeitura de Mossoró para exigir do mesmo a criação de uma biblioteca e, na sequência, um museu que viessem contribuir para o engrandecimento cultural do

povo da terra.

Insistiu tanto que o prefeito Dix-set Rosado foi obrigado a criar por um ato oficial, baixando um decreto numero quatro, de 05.04.1948, criando a biblioteca com o propósito de servir a toda coletividade carente, pois antigamente o conhecimento era restrito à classe

privilegiada. O povão não tinha direito a acesso a livros ou qualquer instrumento que servisse de aprendizado.

(Continuação)



Daí Vingt-un deslanchou no seu ideal de trabalhar incansavelmente pela cultura. Convocou amigos mais próximos a si, o professor Assis Silva e Romeu Leite Rebouças, e juntos começaram a mimeografar, no mimeógrafo a álcool, os primeiros Boletins Bibliográficos, que

vieram a dar espaço a novo critério de

divulgação.

O mestre Vingt-un, um intelectual de pensamento inquieto, não descartava um só momento do imaginário de ver a cidade de Mossoró eivada de ciências literária, artístico e cultural, daí partindo para ampliar o seu ângulo de notícias. Funda Academias de Ciências Li-

terárias, a Academia Mossoroense de Letras, a AMOL, Instituto Cultural do Oeste Potiguar, ICOP, enquanto diretor da antiga ESAM, mantém a Fundação Guimarães Duque, responsável por incomensurável índice de publicações culturais. O incansável Vingt-un Rosado era constante em sua luta diuturnamente para ver realizado seu intento.

A grandeza de um homem se define por sua imaginação e educação e, sem uma boa educação, essa imaginação torna-se pobre e incapaz. É assim que se define a história que começa por um ideal imaginário. O mestre Vingt-un aproveitou o seu espírito empreendedor e a imaginação fortificada, para legar à geração futura que hoje comemora os 70 anos de existência.

Marco empreendedor, o maior patrimônio sem divisas econômicas, a Fundação Vingt-un Rosado, que germinou de uma semente por ele plantada em 06 de abril de 1995, para honra e glória de todos nós, regularizada por força de uma Lei 7.421, de 02 de janeiro de 1999, dando-lhe personalidade jurídica de natureza privada, sem fins lucrativos, com atividades técnicas, científicas, artísticas e afins, com uma produção de calculadamente de 4.300 títulos produzidos e estendidos por esse mundo afora, que muito



enriquece a terra que abrigou Vingt-un Rosado como filho com todo seu espírito beneficente de que era possuidor, até fechar os olhos aos 85 anos de idade, em 21 de dezembro de 2005, legando uma herança imorredoura

No lance da memória do mestre Vingt-un Rosado, invocamos uma corrente de pensa-

mentos em reconhecimento ao seu trabalho levado a efeito durante sua vida, desde os idos de 1948, ao contribuir para a organização de entidades culturais, por exemplo, o Boletim Bibliográfico, que deu origem à Coleção Mossoroense, Biblioteca Pública, Museu Municipal, foram estas que consolidaram o movimento cultural no Pais de Mossoró, atingindo os dias de hoje com a marca padrão da Fundação Vingt-un Rosado, com a editoração de pouco mais de 4.300 títulos, entre outras atividades relacionadas com o desenvolvimento cultural, artístico e literário durante os seus 70 anos de proficuo existência.

A extensa caminhada de vida de 85 anos do mestre Vingt-un foi coroada de coincidência. Nasceu em 25 de setembro de 1920, faleceu em 21 de dezembro de 2005, encerrando a escala de existência dos vinte e um filhos do farmacêutico Jerônimo Rosado, deixando suas pegadas do bem e da virtude como exemplo de vida a ser seguido.





Antonio Filemon Rodrigues Pimenta filemonamol@hotmail.com

Triunfando



Longe de mim pensar ser um perito das coisas do sertão. Mas vejo um Nordeste tão castigado pela seca, tão sofrido pelas injustiças sociais, discriminado pelo próprio cartão-postal, sempre mostrando os leitos dos rios secos, suplicando clemência, as ossadas dos animais já devorados pelos abutre, o chapéu de couro dos vaqueiros (às vezes, lembrando os cangaceiros), o homem com seu chapéu de palha protegendo o rosto dos sol ardente, arrancando do solo da terra o seu sustento e a enxada como símbolo maior de suas atividades e, de joelhos no chão, fazendo suas orações, suplicando a Deus que faça cair um pouco de chuva para molhar as plantações e permitir o pasto para alimentar o gado, e me solidarizo, posso compreender a gente do sertão. Esse é um lado do Nordeste, um lado que realmente tem muito a ver com o sertanejo, como diz Euclides da Cunha: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte".

Vamos sentir o sofrimento do sertão perseguido pelas secas, sobre o qual o mesmo Euclides da Cunha, no livro "Os Sertões", registra que as maiores foram nos anos 1710/1711, 1723/1727, 1737/1745, 1777/1778, observando aí a presença dos anos sete. Já no século XVIII, se justapõem as de 1808-1809, 1823/1824, 1835/1837, 1844/1845, 1877/1879.

Para que possamos analisar o fenômeno do sertão no contexto, vamos encontrar o outro lado da história, o lado maravilhoso, e dentre tantos outros está o "Oásis da Baixa Verde", Triunfo, em Pernambuco.

Foi no sertão de Pernambuco que Deus abençoou o Nordeste. Lá nos cafundós do Alto do Pajeú, em uma cidade fria, porque é serrana, calorosa, porque é hospitaleira, de um povo pacato. Triunfo é conhecida como "Oásis do Sertão". A cidade pernambucana é um pedaço de terra bem perto do céu, porque é abençoada pelos deuses.

(Continuação)

Tive o privilégio de sair um dia em uma viagem de pesquisa juntamente com os pesquisadores Gutemberg Costa e Kydelmir Dantas. Acompanhava-nos, também, o presidente da SBEC—Sociedade Brasileira de Estudo do Cangaço. Passamos por São Domingos, em Buíque, no mesmo Estado, em abril de 1995, terra do cangaceiro Manoel Dantas Loyola, o "Candeeiro", um dos sobreviventes do massacre da



grota de Angico, palco do trágico fim do rei do cangaço, Lampião.

Nessa época, o "Candeeiro" ainda estava vivo. Ele veio a falecer já nos anos 2000. De lá, fomos conhecer Triunfo. A cidade me encantou pela sua beleza arquitetônica centenária, povo amigo, seu clima salutar. Sem dúvida alguma, quem vai lá, quer sempre voltar. Foi o que aconteceu comigo, pois voltei em julho do mesmo ano, dessa vez com uma comitiva bem maior. Fizeram parte deste segundo grupo, os pesquisadores: Manoel Nascimento (SBEC); Lemuel Rodrigues (SBEC); Severino Vicente (Comissão do Folclore/RN); Kydelmir Dantas (SBEC); Julinho Rosado, com esposa e filho; Secretária de Turismo do Município de Mossoró; Surama

Augusta, minha filha (SBEC); e Manoel Queiroz, motorista da van;

De lá participamos do Tributo à Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Comemoravam-se os 57 anos de sua morte, em Serra Talhada/PE. Voltamos à Triunfo para rever os amigos que conquistamos (ou por quem fomos conquistados?).

Como seria impossível citar, neste artigo, a beleza de um Picasso, o mesmo se dá com as coisas belas de Triunfo. A cidade tem o Pico do Papagaio, o ponto mais alto do Nordeste; a Pousada Baixa Verde, entre tantas outras, é uma beleza aconchegante para os visitantes. A igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, uma maravilha arquitetônica. O cine Teatro "O Guarany", o monumento de rara beleza, onde acontecem as maiores atividades de nível sociocultural. Triunfo é palco de grandes eventos. Possui o importante Museu do Cangaço, com seu acervo que testemunhou uma época. Na última semana de julho, comemora-se a festa dos estudantes, entre tantas outras atividades. Triunfo tem suas festas populares, como Semana Santa, São João, São Pedro, Santo Antônio, Folclore, Semana da Pátria, Aniversário da S.T.C., Festival da Cerveja, Festival da Batida e a Festa da Padroeira, que é de 24 a 31 de dezembro; evidentemente, comemora-se o Natal e o fim de Ano.

Digno de nota é o grupo "Os Caretas", marca registrada do carnaval da cidade, formado principalmente por rapazes. Eles saem durante os quatro dias de carnaval e são recebidos pelos moradores com bebidas e mungunzá salgado, um dos pratos da culinária local.

Outro ponto gostoso é a bodega do Rafael (Bom Dia, Brasil), com seus mais de quarenta anos de existência, e um grupo de frequentadores que vem marcando presença desde a sua inauguração, todos o dias. E para controlar os horários, existe um sino que avisa, com suas badaladas, a hora da saída para os frequentadores mais insistentes. Como sua melodia, às doze e às dezenoves horas, anuncia que chegou a hora do fim de mais um dia de boêmia. O lugar não deixa de ser um ponto pitoresco. Faltou falar de tantas outras coisas de Triunfo, mas resumindo tudo, ficamos com as palavras de Margot, que retratam a cidade em tão belo poema:

"... É terra tão bela
Que só de olhar pra ela
Nasce logo a inspiração.
Igualzinho a uma criança
Que a gente olha e não se cansa
Triunfo é esperança
Que Deus fincou no sertão".

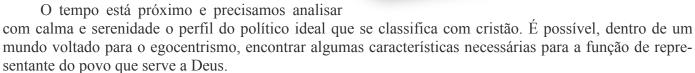
O Candidato Cristão — Política

Por Ricardo Alfredo

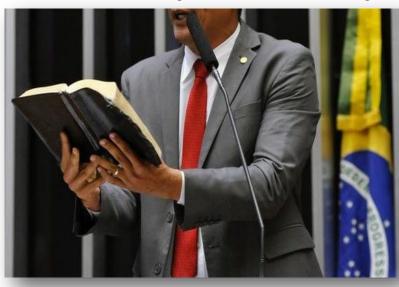
A política é a arte de administrar, pelo menos em tese. Entretanto, é importante salientar que há um modelo antropológico, que ao longo da humanidade vem se estabelecendo dentro de ideologias e dogmas.

É importante que nestes dias, passemos a analisar a situação dos que desejam subir aos palácios dos poderes. E dentro desta perceptiva, estão os candidatos a vereadores ou mesmo a perfeito, que são evangélicos e apoiados pelos ministérios pastorais.

O sufrágio universal tem como característica ser livre e consciente. Porém, num mundo voltado para o materialismo e o desejo de poder, o que temos visto e encontrando é o uso doentio e maldoso dos cargos públicos para benefícios próprios e de familiares. E no rol destas mudanças egoístas estão as igrejas, que vêm a passo de ganso, perdendo o seu alvo e se enrolando numa arena desconhecida para sua vivência de cidadã do reino de Deus.



É necessário ter responsabilidade em escolher alguém que possa representar o povo e negar essa necessidade é fechar os olhos para a verdade clara do Evangelho que indica o caráter do servo, e suas funções



na terra. Entretanto o que temos visto e ouvido é que a escolha do representante é alguém sem reponsabilidade social e submisso apenas aos homens, que si mesmo denominam-se donos da verdade de Deus.

Alguém para representar povo de Deus precisa ter consciência de sua chamada, para não entrar novamente na corrupção mundana e o bom nome de Cristo seja vilipendiado pelos que não conhecer o grande amor.

Todavia, as escolhas tem sido por pessoas que não tem preparo, conhecimento, carisma e acima de tudo, chamada para servir na política. Por isso temos uma confusão com uma quantidade enorme de candidatos,

supostos servos de Deus com chamada para servir. Na verdade grande parte destes, apenas busca melhorar financeiramente e tem nome reconhecido, sem grande esforço, como estudar por exemplo. Entretanto. Todos ou grande parte, nem ao menos compreendeu o papel político, social, ético e moral que deve ter um representante público. E assim caminhamos num caos de massa humana, levada de um lado para outro, como o gado que é apenas conduzido sem saber seu rumo.

Um vereador, um prefeito, um governador, um senador não eleitos para servir a grupinhos A, B ou C, mais servir ao povo, sem distinção: de Fé, cor, raça ou qual outro estereótipo. Esse é o desejo de Deus, homens e mulheres que honrem seu bom nome e que estejam apostos para servir, sem olhar a quem.

(Continuação)



Diante de tantos candidatos e tantas propostas, como escolher um bom candidato? Será que há como definir meu voto? As essas perguntas que são comuns, eis algumas dicas dadas por especialistas na área.

- * 1 Analise o histórico do candidato independente de ser novato ou veterano na política. Se já é político, qual sua trajetória pública? Age com coerência? Se é novato, já fez trabalhos pela comunidade? Em que causa atua? Como ou pelo o que é conhecido?
- * 2 Honestidade é fundamental. Se o candidato é ficha suja, pense duas vezes! Para al-

guns especialistas, o eleitor deve por na balança até mesmo processos e inquéritos.

- * 3 Experiência é importante, mas não é tudo, segundo especialistas. Eles garantem que a "boa experiência" deve ser com as pessoas e não necessariamente com cargos políticos.
- * 4 Pense nas necessidades da sua cidade e da sua comunidade. Traçada essa demanda, analise qual candidato tem um discurso mais alinhado (e coerente) com seus anseios.
- * 5 Pense na diferença entre ousadia e exagero. Candidatos que fazem promessas mirabolantes são visionários ou falsários. Os visionários conseguem lançar ideias que podem mudar radicalmente as cidades, já os falsários querem apenas o cargo político.
- * 6 Avalie o plano de governo de cada um dos candidatos apesar da semelhança da maioria. Segundo especialistas, seja para presidente da República ou síndico de prédio é preciso que o representante público tenha um planejamento, saiba o que vai fazer.
- * 7 Fuja de promessas individuais. O candidato que promete favores e vantagens pessoais é certamente alguém que usará o dinheiro público de forma imprópria, se for eleito.
- * 8 Conheça o partido do candidato. É preciso identificar a que grupo o pertence ou se não pula de galho em galho. Políticos tendem a conchavos para tomar as decisões.
- * 9 Saiba diferenciar. Boa pessoa ou bom profissional não é necessariamente um bom político. É preciso estar atento a esta percepção: vocação para administrar ou fiscalizar.

Diante destes nove pontos é importante, que conscientemente possamos votar e escolher o melhor para o bem comum. E dentro desta perspectiva possamos rejeitar os candidatos que não estejam alinhados de forma integral com essas exigências. Votar por votar, ou mesmo, escolher qualquer um é rejeitar o livre arbítrio e a vontade de Deus que é ver as pessoas felizes e satisfeitas como dom da vida.

O voto nunca deve ser por protesto ou coisas semelhante. Pelo contrário, o voto deve ser consciente, maduro a aponto de prever o futuro ou profetizar sobre ele. Todavia, é necessário ou fundamental observar a trajetória do candidato e seus trabalhos na comunidade, se é que ele tem.

Outros fatores importantes na escolha, é observar a trajetória, seu trabalho comunitário e seu coração está pronto para servir. Também é importante verificar se o candidato tem ou não sua ficha limpa. Quando um candidato tem sua diversos processos, essa pode ser uma indicação de que ele não é alguém que não atua com correção na coisa pública.

É de muita inteligência, o eleitor, verificar se o candidato é apenas uma marionete nas mãos dos poderosos, lideres religiosos ou mesmo empresários, este não serve para atuar no mundo político.

O Candidato, evangélico ou não, que sai de porta em porta prometendo cestas básicas, remédios, empregos, certos favores, é seguramente alguém que usará o dinheiro público de forma imprópria.

Assim como, os valores pessoais são importantes em qualquer profissão, nos cargos públicos também. Mas não quer dizer que um bom samaritano seja um bom gestor."

Portanto, devemos tem uma consciência tranquila e ter uma personalidade madura, para escolher alguém de valor e com ações corretas para representar o povo, sendo ele, evangélico ou não, pois o principal objetivo do representante do povo deve ser o bem comum.

Nasci para ser artista

Por Renato Borges de Sousa

Como eu podia dormir com um foloteio daquele. Salvo engano, eu devia ter entre quatro e seis anos quando montaram um palco de pastoril à esquerda da minha casa, entra a residência de Lulu e Dona Corina.

Como naqueles anos setenta, criança costumava obedecer aos pais só na base do olhar, acerca dos famosos folguedos, só me permitiam à boquinha da noite enxergar as moças bonitas chegando, umas em seus vestidos azuis; outras, em vermelho, sem esquecer Diana (a mais bela dentre todas). Lembro-me também que no ar, elas dispersavam uma mistura das inconfundíveis marcas dos perfumes da época: Tabu, Cashmere Bouquet, Topázio, Colônia Contoure, dentre outras.

Eh!... Com os primeiros acordes das cantigas, eu já deveria estar embrulhadinho em minha rede, mas isso não significava que eu não pudesse, de olhos fechados, ouvir os embates cantados entre os cordões.

Eu me lembro com detalhes do tal pastoril, porque nessa época, fui a Tibau conhecer o mar. Foi uma viagem rápida, de final de semana. Na ida, eu e meus primos, Genuína e irmãos, fomos agarradinhos às grades do caminhão-tanque de Seu Siqueira. No retorno, como souvenir (lembrancinha da inesquecível viagem), ganhamos bichos-de-pé. Quer dizer: eles trouxeram os tais bichinhos nos respectivos pés; eu, nos testículos.

Foi aí que, em certa noite, Diana e amigas desceram do tablado entrando de fato em minha vida e

lembranças: ao notarem que minha mãe com uma agulha nas mãos não conseguia sozinha me livrar do tal bicho-de-pé, correram à nossa calçada.

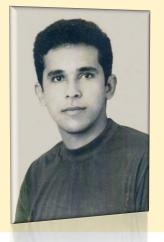
Assim, posso garantir que, um dia, já fui agarrado por uma multidão de moças bo-

nitas e cheirosas, na vez em que figurei como a gran-

de personagem da peça que só a mim me cabia espernear, quando consegui interromper o pastoril da Rua Rodrigues Alves.



Foto (créditos): Florinda Escóssia/Maria da Conceição Rodrigues Queiroz. Imagem: Pastoril "O AMETISTA", o que encantava as noites na Rua Marechal Deodoro, Mossoró/RN. Foto clicada em 1941.



Sobre o autor Renato Borges de Sousa

Mossoroense de nascimento, saiu de Mossoró para servir a Marinha do Brasil. Nela ficou por oito anos. Atualmente, é professor universitário da área de Letras e Educação, além de ser advogado. Renato fez doutorado na Espanha e atualmente reside em Manaus. Segundo Renato, "Aguarda a oportunidade de retornar à Terra do Petróleo e dos melões".

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos

A Fundação Vingt-un Rosado lançou o "Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos" para celebrar os 70 anos de existência da Coleção Mossoroense, maior movimento editorial sem fins lucrativo do Brasil.

Os candidatos poderão concorrer nas 4 categorias, a saber: conto, crônica, poesia e trabalho jornalístico, com o tema "Coleção Mossoroense, 70 anos".

Inúmeras pessoas enviaram o material, mas, para Eriberto Monteiro, atual editor e coordenador de reestruturação do acervo da Coleção Mossoroense, não foi o esperado pelo que representa a Coleção Mossoroense para o povo brasileiro.

Eriberto Ressalta que "Não é só pelo concurso literário, mas pela festa que queremos realizar para celebrar este feito de 70 anos de existência, resistência e insistência do maior movimento editorial do Brasil. Eu convoco a todos para enviar o quanto antes e fazer parte desta festa que já dura 7 décadas a servico da informação".

O concurso está aberto ao público participante, sendo restrito apenas as pessoas que tenham ligações com a Fundação Vingt-un Rosado. Para participar, os concorrentes não terão custo nenhum e nem inscrição, é só mandar o material para os e-mails fvrcm@uol.com.br ou ainda eribertomonteiro@hotmail.com informando o pseudônimo e telefone de contato.

O tema é delimitado, porém, dentro do próprio tema, inúmeros tópicos relacionados aos 70 anos de existência da Coleção Mossoroense podem ser explorados.

Como exemplos, poderemos citar vários tópicos: "O relacionamento de Vingt-un Rosado e América Fernandes"; "O surgimento da Coleção Mossoroense"; "O sonho de certo autor de publicar seu trabalho com o selo da Coleção Mossoroense"; "O vasto número de escritores revelados pela Coleção Mossoroense"; "A criação da Fundação Vingt-un Rosado pelas mãos de 14 personalidades para manter a Coleção Mossoroense viva"; "Meu assunto e/ou autor predileto da Coleção Mossoroense"; "A história da Coleção Mossoroense e suas dificuldades em manter-se viva"; "A criação e manutenção da Coleção Mossoroense e suas dificuldades em manter-se viva"; "A importância de 10 reais para a Coleção Mossoroense"; e "O mutirão em favor da Coleção Mossoroense"; São tantas histórias dentro dos 70 anos que cada participante está livre fazer parte desta História de 70 anos de existência da Coleção Mossoroense em prol da Cultura Potiguar.

Conte você também sua história, participe e seja a própria história dentro da Coleção Mossoroense.

Os exemplos acima podem ser explorados em todos os estilos, dependendo da criatividade e do conhecimento dentro do tema delimitado, "Coleção Mossoroense, 70 anos".

Os trabalhos terão que ser enviados até o dia 31 de julho e os vencedores farão parte de uma obra literária que será publicada pela Coleção Mossoroense, sendo este o seu quinto milésimo título, em formato de coletânea.

Os 3 (três) (primeiro, segundo e terceiro lugares) de cada categoria, serão premiados, conforme o regulamento publicado no site e receberá parte da tiragem da obra.

Não é uma competição. É um festejo para o maior movimento editorial do Brasil. Venha você também comemorar conosco esta história de 70 anos de existência, resistência e muita luta.

Qualquer dúvida, entrar em contato pelo número 84 98886 0520 e falar com Eriberto Monteiro.



Realização:





Fundação Vingt-un Rosado

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos

Contos, Crônicas, Poesias e Trabalho jornalístico. Praça da Redenção, nº 17 - Centro - Mossoró/RN, 59600-065

REGULAMENTO:

- 1 Os candidatos podem concorrer com 01 (hum) texto de conto e/ou 01 (hum) texto de crônicas e/ou 01 (hum) de poesia e/ou 01 trabalho jornalístico.
- **2 -** Os textos deverão ser originais e inéditos, isto é, nunca terem sido anteriormente publicados em jornal, revista ou livro, ou mesmo veiculados pela Internet ou quaisquer outros meios de comunicação.
- **3** Os trabalhos deverão ser inscritos em português, com tema "Coleção Mossoroense, 70 anos", digitados em papel A4, em uma só face do papel, enviados em 8 (oito) vias.
- **3.1** Só poderão concorrer autores norte-riograndenses, que residam em território do Rio Grande do Norte.
- **4** Os contos, crônicas e textos jornalísticos terão limite máximo de 15 (quinze) páginas e as poesias no máximo (quatro) páginas, em letra 12, fonte Arial, espaço 1.5c;
- **5** Cada texto deverá ser identificado apenas pelo título e pseudônimo, não podendo constar, de nenhuma forma, algo que identifique o seu autor;
- **6** Os textos de conto, crônica e de poesia deverão estar contidos em um só envelope e com um mesmo pseudônimo, além de uma cópia em CD;
- **6.1** Este envelope será acompanhado por um outro menor, lacrado, que terá na parte externa a indicação "Concurso Literário Coleção 70", título do trabalho e o pseudônimo do autor e contato para a comunicação com a organização;
- **6.2** Os trabalhos serão avaliados por uma Comissão Julgadora, composta por pessoas com amplo conhecimento, experiência e saber em literatura.
- **6.3** A Comissão Julgadora será composta por pessoas altamente capacitadas. Ela será escolhida pelo presidente da Fundação Vingt-un Rosado, podendo ser membros da própria Fundação Vingt-un Rosado:
- **6.4** Esta Comissão Julgadora terá plena e total autonomia na apreciação e julgamento dos textos apresentados, que deverão ser regidos pelos princípios de originalidade, técnica e arte literária;
- **6.5** A decisão da Comissão Julgadora terá caráter irrevogável;
- 7 Serão premiados os 3 (três) (primeiro, segundo e terceiro lugares) melhores trabalhos, em cada categoria, recebendo os vencedores, os seguintes prêmios:

- 1º lugar: Conto 25 exemplares da coletânea;
- 1º lugar: Crônica 25 exemplares da coletânea;
- 1º lugar: Poesia 25 exemplares da coletânea;
- 1º lugar: Texto jornalístico 25 exemplares da coletânea:
 - 2º lugar: Conto 15 exemplares da coletânea;
 - 2º Lugar: Crônica 15 exemplares da coletânea;
 - 2º Lugar: Poesia 15 exemplares da coletânea;
- 2º Lugar: Texto jornalístico 15 exemplares da coletânea;
 - 3º lugar: Conto 10 exemplares da coletânea;
 - 3º lugar: Crônica 10 exemplares da coletânea;
 - 3º lugar: Poesia 10 exemplares da coletânea;
- 3º lugar: Texto jornalístico 10 exemplares da coletânea;
 - 7.1 Menções honrosas:
- **7.1.1** Além dos 3 (três) primeiros lugares, haverá 5 (cinco) menções honrosas, que receberão os certificados;
- **7.1.2** Os trabalhos ganhadores serão publicados pela Coleção Mossoroense, em formato de coletânea no seu quinto milésimo título;
- **7.1.3** Cada ganhador e os que foram agraciados com menções honrosas, receberão, respectivamente, conforme sua classificação, constando no item 7:
- **7.1.4** Os concorrentes, ao se inscreverem no concurso, cedem todos os direitos autorais de veiculação e divulgação dos respectivos textos à Fundação Vingt-un Rosado;
- **7.2** É vedada a participação dos membros da Fundação Vingt-un Rosado, como concorrentes;
- **8 -** Os trabalhos serão entregues, diretamente, ou enviados pelos Correios, para a Fundação Vingt-un Rosado, localizada na sede da Biblioteca Ney Pontes Duarte, Praça da Redenção, nº 17 Centro Mossoró/RN, 59600-065.
- **8.1** Quando enviados, serão validados apenas os trabalhos contendo carimbo dos correios, até 05/07/2019 (cinco de julho de dois mil e dezenove);
- **8.2** A comunicação dos resultados do concurso será feita no final de julho e a premiação posteriormente, durante a realização da Noite da Cultura que será realizada num grande momento festivo no mês de setembro.

Mossoró/RN, 18 de maio de 2019. Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho Presidente da Fundação Vingt-un Rosado

Aditivos do Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos



A Fundação Vingt-un Rosado informa que o Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos terá dois aditivos no seu regulamento.

A ideia inicial é abranger e atingir o maior número de participantes neste concurso comemorativo aos 70 anos do selo editorial Coleção Mossoroense, além de aumentar a qualidade do material publicado.

Antes só poderiam concorrer autores norte-rio-grandenses, que residiam em território do Rio Grande do Norte. A partir deste momento, a comissão responsável pelo concurso abre as portas para que todos os demais interessados em participar, possam concorrer nesta festa literária, apenas restringindo aqueles que tenham ligação com a própria Fundação Vingt-un Rosado.

Esta decisão ocorreu após a procura de inúmeras pessoas que moram noutros estados, mesmo tendo nascido no Rio Grande do Norte, mostrarem interesse em festejar os 70 anos da Coleção Mossoroense.

Logo em seguida, uma reunião com a

comissão do concurso, presidida pelo presidente da Fundação Vingt-un Rosado, Dix-sept Rosado Sobrinho, foi determinante para esta decisão.

Outro fator adicional do regulamento diz respeito a qualidade do material recebido. Ele terá que ser aprovado criteriosamente pela comissão julgadora. E mesmo que o material participante seja o único em determinada categoria (por exemplo), ele passará por avaliação técnica a partir de uma análise. A decisão será da Comissão Julgadora e terá caráter irrevogável. Como a participação do concurso foi aberta para o público em geral, conforme explicado anteriormente, o número de participante aumentará. Esta decisão técnica criteriosa aumentará a qualidade dos trabalhos publicados.

No mais, convidamos a todos que possam participar desta belíssima história de 70 anos de existência e resistência da Coleção Mossoroense. Participe e faça parte você também desta história, sendo a própria história da Coleção Mossoroense.

Errata 1: Na página 15 do número anterior do Novo Boletim Bibliográfico onde lemos "...Vingt-un Rosado já mostrava o *emprenho* em manter e engradecer ainda mais a Coleção Mossoroense", leia-se corretamente, "Vingt-un Rosado já mostrava o *empenho* em manter e engradecer ainda mais a Coleção Mossoroense".

Errata 2: Na página 32 do número anterior do Novo Boletim Bibliográfico, onde tem "Um possível caso de Telefonia (...)" leia-se corretamente, "Um possível caso de Telegonia (...)"